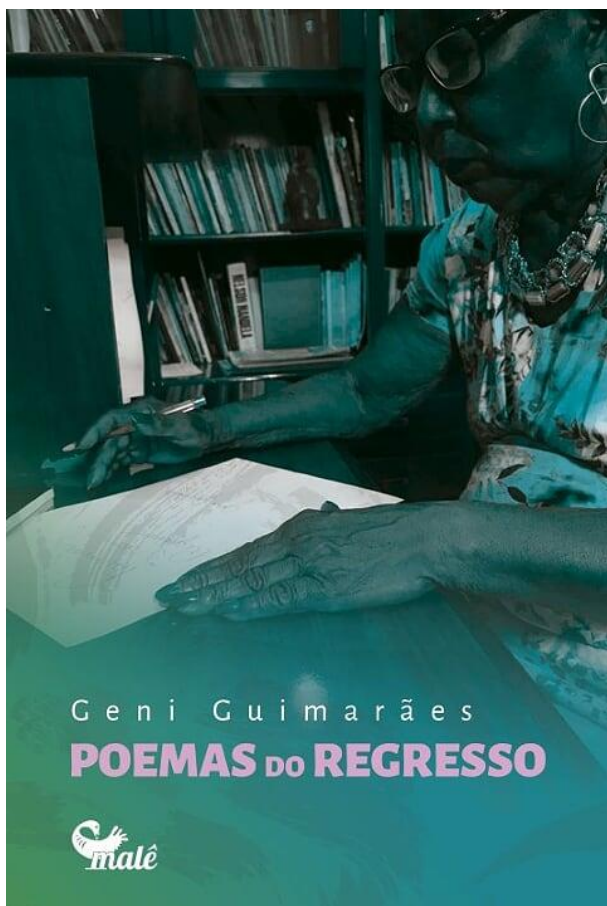


## O regresso de Geni Guimarães

Vagner Amaro\*



sondadora  
do mundo  
(embora aguda e suspeita)  
teço palavras  
para  
nas curvas  
das asas  
reinventar  
o paraíso

Geni Guimarães  
2020

A coletânea *Poemas do regresso* marca o reencontro de Geni Guimarães com a poesia. A última publicação da autora neste gênero foi o livro *Balé das emoções*, em 1993. Os sessenta e dois poemas que compõem o livro comunicam que o senso poético de Geni permaneceu guarnecido neste longo tempo ausente, e que a estrada de volta foi construída com coragem pela própria autora, como anuncia no poema que inicia o livro “Como quem se vê pela janela, me resgato”.

Em “Regresso e Correspondência”, Geni anuncia seu vigor nesta volta ao disputado território da Literatura brasileira “de novo sorverei o gole que me cabe” (p. 11) e “Sugiro: envia-me por Sedex o teu baú de frustração e ódio, (rascunhos insípidos das infames tretas), mas fica alerta: Sou poeta. Tiro de letra.”

O arco temático do livro é plural, mas é possível depreender dele algumas recorrências, que ajudam a ler a obra a partir do seu discurso literário, e assim, captar este momento especial de regresso da autora ao processo de criação. Neste sentido, destacam-se temas como a consciência racial e a noção de ancestralidade; a passagem do tempo; o fazer literário e as relações familiares, com destaque para “Contemplação” (p. 125), e “Cadeira de balanço” (p. 23) – que a autora dedica para a irmã:

### **Cadeira de balanço\***

Vesga, contempla o sol,  
se inebria da beleza  
que somente o teu ver  
vê no mundo.  
Pinta tudo  
na infinidade das cores  
que capta da natureza.

A sua lua,  
é sem fases e sem eclipses.  
Pura e boa, perdoa  
a insensatez dos homens  
na barriga do planeta.  
Menina pena,  
dá-me o teu néctar de alfazema  
e me respira.  
Brinca de brincar comigo,  
rouba-me das nuvens e me acolhe plena.

*\*Para irmã Cema, minha bússola.*

Sobre consciência racial e ancestralidade, exemplifica-se: “Como engolir este trem, que engole a minha etnia?” (p. 52); “entre a palavra e o som, entre a escrita e o sentido, quero ter zumbi dançando.” (p. 90); “preto de alma branca, diabo a quatro, espelunca... Fica atento.” (p. 103).

Sobre o passar do tempo, destaca-se: “se aninharam nos sulcos fundos do meu rosto”; (p. 35); “já acima dos setenta, a gente não mais aguenta, tal invasão repentina, no topo da cabeça” (p. 85); “não há tempo que me envelheça”, (p. 113).

No entanto, a maior recorrência em *Poemas do regresso* está na reflexão que Geni Guimarães faz do seu universo literário, a gestação do texto, as intenções e compromissos desta dona da enunciação – o “eu-poeta”, de “Versos do trato” (p. 105) –, que ganha forma a partir dos versos, e que elabora com lirismo sobre a própria escrita, atingindo uma dimensão estética que retrata uma narradora apaixonada pelo ato de escrever: “um dia hei de fazer versos, sem verbos, pronomes, sujeitos e predicados.” (p. 45); “sou poeta, o que teço é ar, somente ar.” (p. 47); “Enquanto posso pensar, escrevofalo, tiro as amarras dos nervos, e as sustento em fogo brando.” (p. 95); “Ainda bem que nesta hora me vem, um poema, também lerdo, que me acorda, sem alternativa, registro meu nu-fadiga” (p. 97); “Sou poeta, um bicho de seda que explode” (p. 99).

A leitura de *Poemas do regresso* é uma possibilidade de encontro com a subjetividade de uma escritora que se exilou dentro de si e que regressa para a literatura nos contando, pela voz de um eu enunciador sensível, reflexivo e atento, identificável na materialidade dos seus poemas, vivências emocionais – “fantasmas e anjos, se abraçam no arranjo das coisas que já vivi” (p. 13) – e visões de mundo – “as ruas silenciam, displicentes, o ronco da fome gritante na barriga de minha gente” (p. 105) – e com uma voz comprometida com suas intenções artísticas: “Dar à luz a um verso, que seja tão palpável e de tamanha exatidão, que nele o próprio coração respingue.” (p. 17).

Ao reafinar em si o dom, o tom e a arte da palavra, que é força de vida, Geni Guimarães transgride o tempo e o espaço “Desenho em mim meu Atlântico” (p.25) e entrega ao leitor a possibilidade de amplamente avistar com um instrumento mais sensível o mundo.

Rio de Janeiro, dezembro de 2020

---

\* Vagner Amaro é jornalista, bibliotecário, escritor, editor e doutorando em Literatura, Cultura e Contemporaneidades pela PUC-Rio. Coorganizou as publicações *Machado de Assis para jovens leitores* (2011); *África: novas leituras* (2012); e *Lima Barreto por jovens leitores* (2014). É também responsável pela organização de: *Letra e tinta: dez contos do Prêmio Malê de Literatura* (2016); *Olhos*

---

*de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* (2017); e *Do Índico ao Atlântico contos brasileiros e moçambicanos* (2019). Em 2015, idealizou e fundou a Editora Malê. Sua primeira publicação como ficcionista se dá em 2018, com o volume de contos *Eles*.